

## INTERVENÇÕES DO ESTÁGIO IV NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA REGULAR – UMA REALIDADE EDUCACIONAL

Autor: George Tawlinson Soares Gadêlha (1);  
Co-autor: Monica Giordana Francieli Blau Rodrigues (1);  
Co-autor: Mércia Vitoriano da Costa(2);  
Orientador: Maryana Priscilla Silva de Moraes (4)

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*  
[georgegadilha@gmail.com](mailto:georgegadilha@gmail.com)

**Resumo:** Ao abordar a problemática da inclusão, é notório perceber que há, no sistema educacional, em especial na concepção dos professores, muitas dúvidas sobre o que é melhor para a educação das pessoas com deficiência, integração ou inclusão? A inclusão tem como uma de suas principais metas, oportunizar que todas as pessoas com deficiências possam ingressar no ensino regular, independente do grau de sua deficiência. A inclusão escolar configura-se como um tema que vem provocando aos professores alguns momentos de reflexões, principalmente, quando observamos na escola os múltiplos olhares dos educadores frente à inclusão na diversidade. O presente estudo tem como objetivo retratar a realidade nas aulas de Educação Física e se a mesma oportuniza e promove a inclusão dos alunos com deficiência na escola durante o período do estágio supervisionado IV. A metodologia utilizada foi a metodologia do estágio de observação e co-participação. Concluímos que a inclusão escolar é relativamente um processo novo em nossa legislação educacional, portanto ainda difícil de ser aceito. Há necessidade de capacitar todos os profissionais envolvidos no processo de escolarização para lidar com essa realidade. Pois, mudar o modelo que aí está posto, romper com o paradigma tradicional, eliminar barreiras são, entre tantas outras, as maiores dificuldades que os professores vêm encontrando acerca da inclusão educacional nesse novo milênio. Mediante as aulas aplicadas conclui-se que os alunos estão abertos para novas experiências e prontos para ressignificar o que lhes é posto mediante suas bagagens.

**Palavras-chave:** Professor, Educação Física, Inclusão e Diversidade.

### INTRODUÇÃO

A política de inclusão do Ministério da Educação (MEC) nos traz a compreensão que a educação é um direito de todos. Mas na prática, o que se verifica no cotidiano escolar é uma outra realidade. A escola por um lado abriu as portas para acolher esses alunos com necessidades especiais, porém, as escolas não estão preparadas minimamente para acolher essa nova clientela. Há necessidade de capacitar todos os profissionais envolvidos no processo de escolarização para lidar com essa realidade. Sem isso, dependendo da maneira como é visto o processo de inclusão ela passa a ser de exclusão. Isso só acontece porque o currículo escolar foi pensado e estruturado para alunos sem deficiências, para que os mesmos pudessem desenvolver diversas competências e habilidades. Sendo está a realidade de várias escolas, cujos os planos de ensino se tornaram excludentes, devido outras coisas, à falta de formação de professores: o professor regular não aprendeu a lidar com o

aluno diferente e o professor especializado não aprendeu a lidar com professor do ensino regular”. (Masine, E.F.S.2001).

Quando falamos sobre inclusão é possível notarmos a diversidade de significados e diferentes aspectos que a cerca, tornando-a uma palavra Utilizada por todos, sendo tratados no senso-comum sem saber o seu significado. Para FERREIRA (2010, p. 93) “[...] incluir é o mesmo que compreender, que por sua vez, quer dizer entender, alcançar com a inteligência.” Talvez os que escamoteiam o direito ‘a inclusão, compreensão aos deficientes, não estejam alcançando com a inteligência a real importância da inclusão, não só para os deficientes, mas também para os ditos “normais”.

De acordo com MANTOAN (2006): Inclusão é a nossa capacidade de entender e receber o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência, física, para os que têm comportamento mental, para os superdotados, e para toda criança que é discriminada por qualquer outro motivo. MANTOAN (2006) relata que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já inclusão é estar com, é interagir com outro.

Inclusão, portanto, não significa, simplesmente, matricular todos os educandos com necessidades especiais na classe comum, ignorando suas necessidades específicas, mas significa dar ao professor e à escola o suporte necessário à sua ação pedagógica. (SEESP/MEC)

A história revela para a humanidade o caminho da exclusão social e do homem. No passado, o indivíduo com algum comprometimento era banido da sociedade através da morte. Porém, hoje este tipo eliminação não é mais praticado, mas uma exclusão sutil acontece, pelas instituições, como prisões, asilos que foram criados com este objetivo: segregar o “diferente” da sociedade. Foi principalmente na Europa que os primeiros movimentos pelo atendimento aos deficientes refletiram em mudanças na atitude dos grupos sociais, concretizando-se em medidas. Os desafios da educação inclusiva e a escola hoje educacionais. Tais medidas educacionais foram se expandindo, tendo sido primeiramente levadas para os Estados Unidos (SASSAKI, 1997).

A educação física tem como intuito desenvolver aspectos cognitivos e corporais, ligando um ao outro, sem trabalhá-los separadamente. Segundo Assmann (1996, p. 143)n(...) toda morfogênese do conhecimento - sobretudo na criança, mas também no adulto - se instaura como cognição

corporal. Todo conhecimento é um texto corporal, tem uma textura corporal. É a partir da compreensão desse aspecto básico que se multifurcam, depois, diversas e diferenciadas ênfases teóricas

O corpo é sempre outra coisa que aquilo que ele é [...] enraizado na natureza no próprio momento em que se transforma pela cultura, nunca fechado em si mesmo e nunca ultrapassado. Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir me com ele. Portanto, sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de meu ser total. Assim, a experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em ideia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade. (MERLEAU-PONTY, 1999, P. 269)

O presente estudo tem como objetivo retratar a realidade nas aulas de Educação Física e se a mesma oportuniza e promove a inclusão dos alunos com deficiência na escola durante o período do estágio supervisionado IV.

A escola tem uma estrutura favorável, com boas instalações, mas para a educação física em questão de espaço é precário, pois não tem quadra e a demanda de alunos por turma é grande, com espaços arborizados, e salas amplas e confortáveis. As crianças, ao iniciarem o ensino fundamental, trazem de sua experiência pessoal uma série de conhecimentos relativos ao corpo, ao movimento e a cultura corporal. (Parâmetros curriculares nacionais, 2011, p. 87).

## **METODOLOGIA**

A metodologia do estágio de observação e co-participação IV, no qual observamos o nível de ensino/turma, horário da observação, tema da aula, objetivo da aula, a metodologia utilizada pelo professor concedente, a descrição das atividades desenvolvidas, o procedimento de avaliação do professor concedente, outros pontos relevantes da aula, o espaço físico da aula, a comunicação e relação professor aluno, comunicação e relação dos sujeitos com o (espaço, tempo, conteúdos de ensino, métodos e materiais), recursos didático-pedagógico, materiais utilizados pelo professor

concedente e por fim, o perfil de atuação pedagógico do concedente. Como também planejamos e aplicamos planos de aula para as referidas turmas.

A avaliação se deu com fichas avaliativas para o orientador, o professor concedente e uma auto avaliação do estagiário, por sua vez pela presença do estagiário nas reuniões marcadas com o orientador e por fim com a análise do presente relatório do coordenador do estágio.

Foram observadas as turmas 1º ano “A”, “B”, “C”, “D”, “E” e 2º ano “A”, “B”, no qual as turmas tem em média cerca de 40 a 52 alunos por turma, e devido a mudança do sistema de ensino foi retirado uma aula de educação física de cada turma, ficando apenas 1 aula no horário de aula e uma aula prática posterior ao horário.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Cronograma e perfil do docente regente**

O cronograma não foi atendido como esperado, pois, foram vários aspectos que impossibilitaram o andamento previsto das atividades. Os principais motivos para o não seguimento na íntegra do cronograma inicial foram: a mudança do sistema de ensino, no qual retirado uma aula de educação física de cada turma, ficando a apenas 1 aula no horário de aula e uma aula pratica posterior ao horário, e uma cirurgia da docente concedente.

O perfil de atuação pedagógica da professora regente é um perfil progressista no qual a mesma acredita nas potencialidades de seus alunos e nas experiências tidas pelos mesmos. A mesma faz uma correlação de suas aulas teóricas com as práticas, fazendo com que os alunos possam compreender melhor, dessa forma eles abriam debates e discutiram o conteúdo proposto para um melhor entendimento, a mesma traz praticas que façam sentido para suas vidas.

Segundo os parâmetros curriculares para o ensino médio (2000, p. 41) uma proposta de atividades físicas entre os alunos, o professor adotará a postura de coordenador dos debates, questionando o grupo de forma a favorecer o aproveitamento de respostas que sejam oriundas de reflexões individuais e coletivas. Os alunos serão estimulados a explicar as suas posições e ações e essa explicação far-se-á no sentido de atribuir- lhes um significado. Isto permite ao aluno o questionamento de condutas e valores do grupo e de si próprio. A professora trouxe temas para que os alunos possam discutir entre grupos, com alguns temas propostos, temas como: saúde, padrão de beleza, importância da educação física e outros.

A mesma mostra que planeja todas as suas aulas e procura explorar os conhecimentos dos seus alunos, a mesma não tem um espaço físico como uma quadra mais se utiliza do espaço alternativo e do campo de areia para suas aulas práticas.

Entretanto, quando qualquer visão de aceitação imediata é exposta, ocorrendo da mesma maneira para todas as pessoas, esse posicionamento também é posto em questionamento por alguns autores, justamente pela necessidade de se levar em conta os sentidos atribuídos pelos sujeitos nas suas ações e pela possibilidade de recusa ao que é imposto como ideal a ser seguido. (Mendes , 2007, p. 80),

## **Relatório das aulas aplicadas**

### **Primeira aula**

No dia 23 de julho de 2014, foi aplicado o primeiro plano de aula, sendo nesta aula abordado a temática exercício e atividade física, esta aula foi direcionado para os primeiros anos, diferente dos outros estágios que aplicávamos as aulas apenas para uma turma, dessa vez pudemos aplicar as aulas para todas as turmas dos 1º anos, de forma que pudemos observar que cada turma tem uma interação diferente com a aula e que cada turma aborda de uma forma o conteúdo. Tínhamos turmas mais participativas que outras, mas pude perceber que quando damos espaço para os alunos exporem seus conhecimentos sem ditar a forma correta, agindo apenas como agentes moduladores do processo de aprendizagem se tornam bem mais significativo.

### **Segunda aula**

Esta aula aplicada foi direcionada aos 1º anos com intuito de relembrar o conteúdo que a professora regente já havia explicado, no primeiro momento conceituamos o que seria educação física, em seguida os conteúdos que compunham a educação física e o que a mesma evidencia, na aula não formamos diretamente um conceito mais deixamos aberto para que os mesmos explicassem o que entendiam da mesma para em seguida podermos conceituar, cada sala tinha um nível de participação diferente, abordavam de forma diferente o mesmo conteúdo, juntamente com ele diferenciamos o conceito de jogos competitivos e cooperativos, os mesmos afloravam ideias novas a todo o momento.

### Terceira aula

Esta aula aplicada foi direcionada aos 2º anos, com intuito de trabalhar a dança no contexto escolar, A princípio pôde perceber a resistência de alguns alunos em participar da aula quando foi dito que era dança. Aos poucos os mesmo iam se integrando a aula, e como todas as aulas do segundo ano eram no mesmo dia, os mesmos ficavam passando pelo corredor sobre a aula, e os que vinham para aula já vinham preparados.

Diante todos os momentos o que me chamou atenção foi na turma que tinha uma aluna com deficiência visual, tentamos integra – lá na aula mais a mesma disse que não gostava de dançar e que estava com vergonha, mais principalmente no momento em que estavam dançando vendados a própria turma a chamava para participar, foi uma pena a mesma não ter participado, mais foi interessante a percepção que seus colegas puderam ter em relação a deficiência visual, no qual os mesmos em suas provas puderam relatar as dificuldades e as facilidades que um deficiente visual tem diante a dança.

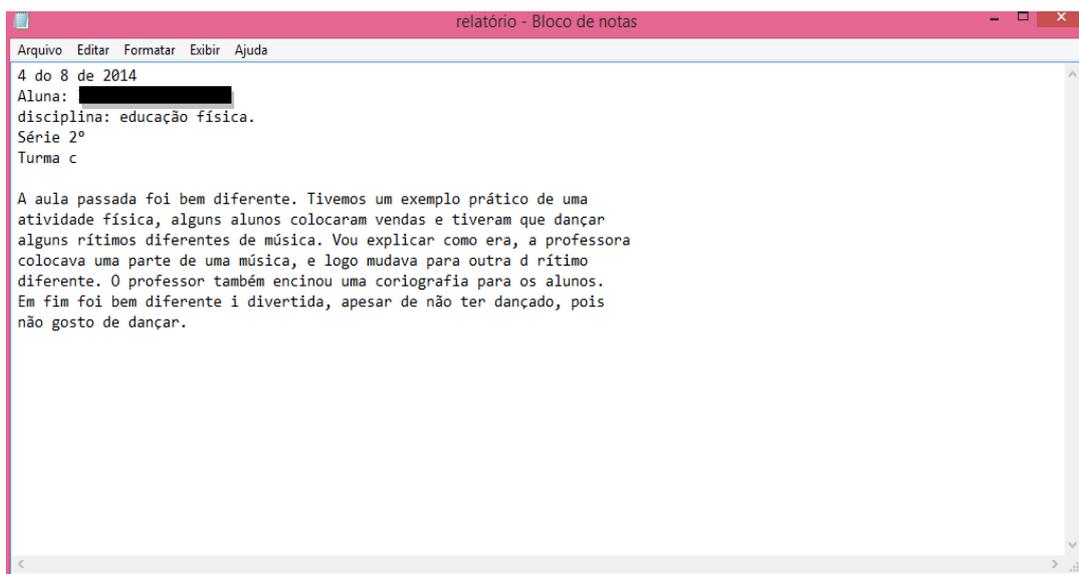


Figura 1- relato da deficiente visual na prova

## CONCLUSÕES

Apesar de que a inclusão escolar é relativamente um processo novo em nossa legislação educacional, portanto ainda difícil de ser aceito. Há necessidade de capacitar todos os profissionais envolvidos no processo de escolarização para lidar com essa realidade.

Pois, mudar o modelo que aí está posto, romper com o paradigma tradicional, eliminar barreiras são, entre tantas outras, as maiores dificuldades que os professores vêm encontrando acerca da inclusão educacional nesse novo milênio. Mediante as aulas aplicadas conclui-se que os alunos estão abertos para novas experiências e prontos para ressignificar o que lhes é posto mediante suas bagagens.

## REFERÊNCIAS

ASSMANN, H. Sete colocações sobre corporeidade e movimento, Anais do 3 Congresso Latino Americano da ICHPER-SD – Foz do Iguaçu, 1996.

BRASIL, Declaração de Salamanca e Linhas de Ação Sobre Necessidades Educativas Especiais. 2 ed. Brasília: CORDE, 1997.

BRASIL, Educação para Todos. Brasília: Biblioteca Virtual de Educação UNESCO-Brasil, 2003.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente. Secretaria Especial de Direitos Humanos. Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social. – Brasília: MEC, ACS, 2005.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. MEC. Brasília, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Secretaria de Educação Especial. MEC; SEESP, 2001.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: pontos e contrapontos, Rosângela Gavioli Prieto: Valéria Amorim Arantes (Org.). 5. Ed. São Paulo: Summus, 2006.

MARLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MENDES, M. I. B. de S. Mens San in Corpore Sano: saberes e práticas educativas sobre corpo e saúde. Porto Alegre: sulina, 2007.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO/SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. PCN: Ensino Médio: *linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: M.E / S. E.;2000.

ROSADAS, S. de C. Atividade física adaptada e jogos esportivos para o deficiente: eu posso; vocês duvidam? Rio de Janeiro: Ateneu, 1994.

SILVA, J. B. F.; De Corpo e alma: o discurso da motricidade. São Paulo:Summus,1991. (novas buscas em educação; v.40)ISBN 85-323-0376-5

SILVA, J. B. F.; Educação de corpo inteiro: teoria e pratica da educação física. São Paulo:Scipione,4. ed;1997.(Pensamento e ação no magistério)ISBN 85-292-1478-0

SILVA, J. B. F.; O jogo: entre o riso e o choro. Campinas/SP: autores associados,2. ed;2005.(coleção educação física e esportes)ISBN 85-7496-042-X